



04º Domingo da Quaresma (3-30-2025)

EVANGELHO – Lucas 15,1-3.11-32

*Naquele tempo,
os publicanos e os pecadores
aproximavam-se todos de Jesus, para O ouvirem.
Mas os fariseus e os escribas murmuravam entre si, dizendo:
«Este homem acolhe os pecadores e come com eles».
Jesus disse-lhes então a seguinte parábola:
«Um homem tinha dois filhos.
O mais novo disse ao pai:
‘Pai, dá-me a parte da herança que me toca’.
O pai repartiu os bens pelos filhos.
Alguns dias depois, o filho mais novo,
juntando todos os seus haveres, partiu para um país distante
e por lá esbanjou quanto possuía,
numa vida dissoluta.
Tendo gasto tudo,
houve uma grande fome naquela região
e ele começou a passar privações.
Entrou então ao serviço de um dos habitantes daquela terra,
que o mandou para os seus campos guardar porcos.
Bem desejava ele matar a fome
com as alfarrobas que os porcos comiam,
mas ninguém lhas dava.
Então, caindo em si, disse:
‘Quantos trabalhadores de meu pai têm pão em abundância,
e eu aqui a morrer de fome!
Vou-me embora, vou ter com meu pai e dizer-lhe:
Pai, pequei contra o Céu e contra ti.
Já não mereço ser chamado teu filho,
mas trata-me como um dos teus trabalhadores’.
Pôs-se a caminho e foi ter com o pai.*

*Ainda ele estava longe, quando o pai o viu:
encheu-se de compaixão
e correu a lançar-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos.
Disse-lhe o filho:
‘Pai, pequei contra o Céu e contra ti.
Já não mereço ser chamado teu filho’.
Mas o pai disse aos servos:
‘Trazei depressa a melhor túnica e vesti-lha.
Ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés.
Trazei o vitelo gordo e matai-o.
Comamos e festejemos,
porque este meu filho estava morto e voltou à vida,
estava perdido e foi reencontrado’.
E começou a festa.
Ora o filho mais velho estava no campo.
Quando regressou,
ao aproximar-se da casa, ouviu a música e as danças.
Chamou um dos servos e perguntou-lhe o que era aquilo.
O servo respondeu-lhe:
‘O teu irmão voltou
e teu pai mandou matar o vitelo gordo,
porque ele chegou são e salvo’.
Ele ficou ressentido e não queria entrar.
Então o pai veio cá fora instar com ele.
Mas ele respondeu ao pai:
‘Há tantos anos que eu te sirvo,
sem nunca transgredir uma ordem tua,
e nunca me deste um cabrito
para fazer uma festa com os meus amigos.
E agora, quando chegou esse teu filho,
que consumiu os teus bens com mulheres de má vida,
mataste-lhe o vitelo gordo’.
Disse-lhe o pai:
‘Filho, tu estás sempre comigo
e tudo o que é meu é teu.
Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos,
porque este teu irmão estava morto e voltou à vida,
estava perdido e foi reencontrado’».*

CONTEXTO

Jesus, rodeado pelos seus discípulos, caminha em direção a Jerusalém. Mais do que um caminho físico, trata-se de um caminho espiritual: as “lições” que Jesus, a cada passo, vai dando aos discípulos, preparam-nos para acolher e para, mais tarde, testemunhar o Reino de Deus.

Uma dessas “lições” refere-se à forma como Deus vê aqueles homens e mulheres que a sociedade marginaliza e condena. As chamadas “parábolas da misericórdia de Deus”, contadas por Jesus, dão conta da preocupação de Deus pelos seus filhos “perdidos” (cf. Lc 15,1-32). No cenário montado por Lucas, essas parábolas são a resposta de Jesus ao comentário escandalizado dos escribas e fariseus: “este homem acolhe os pecadores e come com eles” (Lc 15,2-3).

De facto, o acolhimento que Jesus dispensava às pessoas pouco recomendáveis era muito comentado pelos líderes religiosos judaicos. Nesse grupo de gente pouco recomendável estavam aqueles que Lucas chama “os pecadores” e “os publicanos” (Lc 15,1). O grupo dos “pecadores” incluía todos aqueles que desobedeciam escandalosamente à Lei e levavam vidas desregradas: os usurários, os vigaristas, os delinquentes, as prostitutas. Os “publicanos” eram os cobradores de impostos, que colaboravam com os romanos na opressão do povo e tinham fama de roubar os pobres cobrando mais do que estava estipulado. As autoridades religiosas judaicas viam-nos como “malditos” e colocavam-nos à margem da salvação. Nenhuma “pessoa de bem” gostava de estar associada a esta gente. Mas Jesus tinha grandes amigos entre esses marginais e não tinha qualquer problema em sentar-se com eles à mesa. Não excluía ninguém e achava que todos eram bem-vindos à comunidade do Reino de Deus. Essa benevolência de Jesus para com aqueles que a moral, os bons costumes e a Lei condenavam, era algo de inaudito, de escandaloso, de vergonhoso, de incompreensível.

A parábola que o Evangelho deste quarto domingo da Quaresma nos traz (Lc 15,11-32), é uma das mais conhecidas de Jesus. A tradução latina (a “Vulgata”), notando o espaço que o filho mais novo – um jovem que dissipa os bens da família numa vida dissoluta – tem nela, chama-lhe a “parábola do filho pródigo”; mas a maioria dos exegetas mais recentes, considerando que o papel do “pai” na parábola é central, chamam-lhe a “parábola do pai misericordioso. A parábola é exclusiva de Lucas: não aparece em mais nenhum dos evangelhos.

MENSAGEM

A parábola do pai misericordioso conta uma história de família que tem os ingredientes habituais das histórias de família: discussões entre pais e filhos, esforços dos filhos para se libertarem da tutela dos pais, conflitos por causa de heranças, tensões que fazem perigar a unidade familiar, ciúmes e ressentimentos entre os membros da família... Com tudo isso Jesus compôs uma das suas mais belas parábolas.

A família em causa consta de três pessoas: um pai, um filho mais velho e um filho mais novo (vers. 1). O filho mais novo é um rapaz que só pensa em ser livre, em “gozar a vida”, em afastar-se daquela vida certinha e regrada que tinha em casa do pai. Para isso, precisa de dinheiro. Decide, então, pedir ao pai que lhe dê a parte da herança que lhe cabe. É um pedido pouco comum, considerando as leis e práticas da época... Que sentido é que faz um filho pedir para receber uma parte da herança familiar quando o pai ainda está vivo? Não deve ter sido fácil, para esse pai, lidar com o pedido do seu filho mais novo. A pretensão do jovem irá privar a família de parte dos seus recursos económicos; significará, além disso, a rutura da solidariedade e da unidade familiar... Aquele jovem iludido não irá destruir a sua vida e o seu futuro? No entanto, o pai procede à divisão dos bens, entregando ao seu filho mais novo um terço dos bens familiares (o filho mais velho, na sua qualidade de primogénito, teria direito ao resto dos bens paternos). Apesar da angústia que lhe aperta o coração, o pai respeita a liberdade do filho e deixa-o seguir o caminho que ele elegeu.

Conseguidos os bens, o jovem afasta-se da casa familiar e vai para longe. O texto, sem entrar em pormenores, diz que o jovem levou uma vida reprovável e não demorou a delapidar todos os bens que levava. Os caminhos que escolheu e a vida sem regras com que ele sonhou levam-no a um beco sem saída. Para sobreviver, põe-se ao serviço de um estrangeiro e torna-se guardador de porcos, animais considerados impuros. A sua degradação não poderia ser maior. Sem liberdade nem dignidade, leva uma vida infra-humana, no meio dos porcos. Nem sequer pode alimentar-se com o alimento que os porcos comiam. Para a mentalidade judaica, não se podia descer mais baixo.

Neste ponto, a narração detém-se a analisar os sentimentos e as emoções daquele jovem... Desfeitas as ilusões, ele está consciente de que fez uma má opção quando deixou a casa do pai. Agora ele está bem pior do que os jornaleiros que trabalham para o pai porque estes, pelo menos, têm o necessário para viver. Disposto a engolir o seu orgulho, coloca a possibilidade de voltar ao encontro do pai e a pedir-lhe que o aceite, já não como filho, mas sim como simples jornaleiro. Não sabe como o pai vai reagir; mas não tem nada a perder. Resolve voltar.

Todos aqueles que escutavam a história contada por Jesus estavam, neste ponto, à espera de um reencontro difícil, com um pai magoado e revoltado. O pai fechar-lhe-ia a porta? Admiti-lo-ia “à experiência”, para ver se ele tinha aprendido a lição e estava mesmo mudado? Em qualquer caso, uma coisa parecia clara: aquele rapaz jamais poderia voltar a ocupar, na família, o lugar que tinha antes. Aquele filho tinha escolhido, por iniciativa própria, deixar de ser filho.

O jovem estava ainda longe quando o pai o “viu”. Não se trata de uma indicação “inocente”: o narrador quer dizer, provavelmente, que o pai vivia a olhar para esse caminho por onde o filho tinha partido, à espera de vê-lo regressar. Para quê? Para lhe fechar a porta? Para lhe fazer um discurso sobre opções estúpidas? Não. Aquele pai, ao ver o filho ao longe, sentiu revolver-se o seu coração. A palavra usada no relato – o verbo grego “*splagknídzomai*”, traduzido habitualmente como “compadecer-se”, indica a comoção interior que sentimos quando vemos alguém a quem amamos muito. Aliás, o substantivo que resulta desta palavra (*splágknon*) significa “seio materno”, a barriga da mãe. O verbo serve, então, para expressar o amor de uma mãe pelo filho que trouxe na barriga. O pai da nossa parábola, ao ver o filho que regressa, sente uma “comoção interior” – nós diríamos, na nossa linguagem, “sente revolver-se-lhe o coração”, como uma mãe ao abraçar o filho que ama ternamente. É um estremecimento que resulta do amor. Neste quadro não há lugar para censuras, para amuos, para zangas, para palavras amargas; quando se ama desta maneira, tudo o resto desaparece.

O que se segue, é apenas a expressão e a consequência desse amor. O pai abraça aquele filho reencontrado e “cobre-o de beijos”. A sua forma de agir, mais do que um comportamento de pai, é um comportamento de mãe. Não há, neste homem, qualquer prevenção contra o filho ingrato: no seu coração apenas há amor. E, quando o filho tenta explicar-se, o pai nem o deixa falar: quem ama desta maneira, não precisa de explicações, nem de pedidos de desculpa.

A cena completa-se com o pai a restabelecer o filho na sua dignidade de membro da família: vestiu-o com a melhor roupa que havia em casa (a melhor roupa da casa era provavelmente a roupa do próprio pai); pôs-lhe no dedo um anel – o anel com o selo familiar que restituía ao jovem o título de filho; fê-lo calçar as sandálias, para que o jovem caminhe como um homem livre e não como um escravo. Dessa forma, o filho retoma o seu lugar como membro de pleno direito dessa família que ele tinha renegado ao abandoná-la. A festa que se seguiu – matou-se e comeu-se o vitelo gordo, que se guardava para as grandes ocasiões – é a expressão da imensa alegria que inunda o coração daquele pai por ter de novo ao seu lado o filho reencontrado.

Falta, para terminar a parábola, descrever a reação do irmão mais velho, o que tinha permanecido sempre ao lado do pai. Ele tinha ficado revoltado com a partida do irmão e com a sua traição à família. E, ao contrário do pai, não voltara a olhar para o caminho por onde o irmão tinha desaparecido, à espera de vê-lo voltar a casa. Para ele, o irmão mais novo tinha feito a sua escolha e tinha deixado de pertencer à família. Deixara de contar. Era como se tivesse morrido.

Quando, voltando do trabalho, percebe que há festa em casa e que a razão da festa é o regresso daquele irmão que tinha deixado pela lama o bom nome da família, o mais velho amua e recusa-se a entrar em casa. Sente-se revoltado por aquilo que considera uma injustiça gritante. Parece-lhe que a leviandade é mais bem paga do que a vida honrada e correta que ele sempre levou. Não concorda com a “fraqueza” do pai e não quer, com a sua presença, caucionar a irresponsabilidade do irmão. O filho mais velho é um jovem “certinho” e bem-comportado; mas no seu coração não há amor, nem pelo irmão, nem pelo pai. Funciona segundo critérios rígidos de justiça, de obrigações severas, de retribuição lógica, não segundo critérios de amor. Ele cumpre as regras; mas não ama.

O pai – aquele pai em cujo coração há um amor sem medida pelos filhos – não compreende a revolta do filho mais velho para com o irmão. Mas vem falar com ele e, com todo o carinho (chama-lhe “teknon”, “meu querido filho”, ou, literalmente, “meu pequeno”, uma expressão afetuosa), procura explicar-lhe a forma como vê as coisas: “compreende que eu não podia receber o teu irmão de outra forma, pois ele continua a ser meu filho, um filho muito amado e que eu me recuso a perder; compreende que estou muito feliz por ele ter voltado a esta casa onde ele terá sempre lugar; compreende que eu amo muito os meus filhos e que, aconteça o que acontecer, eles terão sempre lugar na minha casa; compreende que o que eu mais desejo como pai é ver todos os meus filhos sentados à mesa familiar, partilhando fraternalmente a alegria e a felicidade, numa festa sem fim”. Não se diz se o filho mais velho aceitou e compreendeu os sentimentos do pai. Talvez o narrador tenha deixado o final em aberto para que sejamos nós a dar a nossa própria resposta àquele pai que amava demasiado.

Aquele pai cheio de amor é Deus; os filhos somos nós. A parábola do pai misericordioso é um extraordinário poema ao amor de Deus pelos seus filhos – por nós.

ACTUALIZAÇÃO

Para reflectir e actualizar a Palavra, considerar as seguintes notas:

- Para nós, homens e mulheres do séc. XXI, quem é Deus? Como o vemos e entendemos? Deus interessa-nos? Tem lugar na nossa vida? Faz-nos alguma falta? A parábola do pai misericordioso, contada por Jesus, é para todos aqueles que se

questionam sobre Deus e sobre o papel de Deus nas suas vidas. Jesus falava de Deus como um pai, um pai que ama os seus filhos para além de toda a medida, de toda a compreensão e de toda a lógica; um pai que respeita as decisões dos seus filhos, mesmo quando eles tomam decisões absolutamente disparatadas; um pai que não tem medo de passar vergonhas e de perder a sua “dignidade” de chefe da família por causa do seu amor; um pai que, quando avista os seus filhos humilhados e magoados, corre ao encontro deles e abraça-os com uma ternura sem fim; um pai que não critica, nem acusa, nem castiga, nem exige explicações, porque está apenas focado em amar; um pai cujo amor regenera e proporciona a cada passo aos filhos uma vida nova e livre; um pai cujo desejo mais profundo é sentar-se com todos os seus queridos filhos, sem exceção, à volta da mesa familiar, numa festa sem fim. Nas nossas vidas, cheias de futilidade, de angústia, de solidão, de medos, de amores efémeros, de apostas falhadas, não fará falta um Deus que seja capaz de nos olhar com um olhar de pai e de mãe, com um olhar de amor?

- O “filho mais novo” da parábola, na sua ânsia de “aproveitar a vida”, vai resvalando progressivamente por um caminho sem saída. As suas opções vão-se reduzindo a cada passo. A dada altura, só lhe resta voltar para trás, regressar ao encontro do pai. Em linguagem cristã, esse “voltar para trás ao encontro do pai”, chama-se “conversão”. Implica uma mudança de perspetiva, de mentalidade, de valores, de atitudes; implica inverter o rumo da própria vida, renunciar ao egoísmo, ao orgulho e à autossuficiência e voltar a confiar em Deus. O tempo da Quaresma é um tempo favorável para a “conversão”, para inverter o rumo da vida e voltar para Deus. Na parábola do pai misericordioso, Jesus garante-nos que Deus nunca nos fechará as portas: estará sempre à nossa espera de braços abertos, pronto para nos acolher e para nos reintegrar na sua família. O perdão, consequência do amor, é uma das mais belas manifestações do ser de Deus. Renova-nos, regenera-nos, devolve-nos a esperança, oferece-nos um novo começo, traz-nos a paz, abre-nos as portas da esperança. Aceitamos, neste tempo de Quaresma, fazer a experiência pacificadora de nos sentirmos perdoados, acolhidos e abraçados pelo Pai?
- O “filho mais velho” da parábola nunca abandonou a casa do pai. A sua vida decorre sem sobressaltos, a trabalhar nos terrenos da família; cumpre as suas obrigações, obedece ao pai e nunca deu ao pai razões de queixa. Intui-se, no entanto, que a relação que ele tem com o pai está mais marcada pelo sentido do dever do que pelo afeto. Ele parece mais um servo cumpridor, do que um filho. Tem um sentido de “justiça” bastante rígido. Acha que quem é cumpridor deve ser recompensado e quem não cumpre as suas obrigações deve ser castigado e deixado para trás. O coração deste filho é seco e árido. Não conhece a misericórdia, a bondade, o amor, o perdão. Por isso,

não compreende a “fraqueza” do pai em relação ao irmão que falhou; e nunca aceitará ou perdoará as escolhas erradas que o irmão fez. Conhecemos alguém assim? Como é que olhamos para aqueles que abandonaram a comunidade cristã? Como é que falamos daqueles que se consideram ateus ou daqueles que buscam Deus em caminhos diferentes dos nossos? Como é que vemos e tratamos aqueles que as leis canônicas consideram em situação irregular? O que vale, na forma como abordamos e tratamos os nossos irmãos, é o que está prescrito nas leis, ou consagrado num qualquer catálogo de “bons costumes”, ou é o amor, a bondade, a misericórdia, a compaixão?

- As razões que levam alguém a cortar os laços que o unem à família são as mais diversas. Algumas têm a ver com as contingências da vida e com o curso normal da vida; mas outras vezes o “corte” resulta de situações cuja responsabilidade pertence a um ou outro membro da família. Isso também acontece nas nossas comunidades cristãs. Os irmãos que se afastam da nossa comunidade cristã fazem-no sempre por comodismo pessoal ou por decisões egoístas, ou fazem-no por vezes porque os “irmãos mais velhos” não souberam acolhê-los e não se preocuparam em criar um clima fraterno? A nossa forma de viver a religião – tantas vezes formal, vazia, legalista – não será responsável pelo abandono de tantos homens e mulheres que não encontram entre nós uma proposta convincente de vida? As nossas liturgias solenes e majestosas, cheias ritualismo, de pompa e circunstância, não desiludirão muitos irmãos que não conseguem encontrar Deus em todo esse aparato? As nossas divisões, conflitos, intrigas, invejas, não serão um contratestemunho para tantos homens e mulheres que veem a forma como vivemos?
- A parábola do pai misericordioso deixa no ar algumas questões: se Deus é assim, se Deus está sempre de braços abertos para acolher os filhos que fizeram escolhas erradas, vale a pena ser bom? Não será mais lógico “gozar a vida” o mais possível, sem problemas de consciência, uma vez que Deus tudo perdoa? Na verdade, a parábola é clara: a opção pela futilidade e pelos valores efêmeros não é uma boa opção. O filho mais novo da parábola constatou isso mesmo: as suas escolhas erradas levaram-no para um beco sem saída e deixaram-lhe feridas quase fatais. Foi por ter percebido que aquele tempo longe do pai tinha sido um tempo perdido, que ele voltou para casa. Podemos, nós também escolher a autossuficiência e afastar-nos de Deus... Será uma boa opção? Isso não será perder tempo? Podemos dar-nos ao luxo de desperdiçar a nossa breve vida em caminhos que não nos levam a lado nenhum?